

**ESMALTES EM PORTUGAL
DA ÉPOCA MEDIEVAL À ÉPOCA MODERNA**

**AZUL E
OURO**

MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS

EXPOSIÇÃO

Ministério da Cultura

Ministra

Graça Fonseca

Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural

Ângela Ferreira

Direção-Geral do Património Cultural

Diretor Geral

João Carlos Santos

Subdiretores gerais

Rita Jerónimo

Rui Santos

Coordenação

Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR)

Diretor

António Ponte

Comissariado

Ana Paula Machado Santos

Projecto de Arquitectura e Museografia

Maria Manuela Fernandes

Coprodução

Círculo Dr. José de Figueiredo - Amigos do MNSR

Design Gráfico

R2 design

Revisão

Sónia Lopes

Construção

Lápisradical, Lda.

Montagem

Jaime Guimarães

Jorge Coutinho

Paula Lobo

Maria do Carmo Campos

Colaboração

Maria Lobato Guimarães

Maria de Fátima Pimenta

Fátima Machado

Conservação e restauro

Cátia Viegas Wesolowska

Belmira Maduro

Salomé Carvalho

Mariana Cardoso

Comunicação

Ana Magalhães

Rui Pinheiro

Serviço de educação

Maria Paula Azeredo Pote

Maria Adelaide Carvalho

Jorge Coutinho

Secretariado

Marília Veiga

Cândida Pereira

Ana Reis

Execução gráfica dos materiais de exposição

CRIEIT - Studio de publicidade e comunicação

Transportes

FeirExpo

Seguros

Lusitânia, Companhia de Seguros SA

Apoios

CITCEM - Centro de Investigação

Transdisciplinar «Cultura,

Espaço e Memória»

Taylors

CATÁLOGO

Coordenação

António Ponte

Ana Paula Machado Santos

Coordenação editorial

Ana Paula Machado Santos

Textos

João Carlos Santos

António Ponte

Ana Paula Machado Santos

Lúcia Maria Cardoso Rosas

Isabelle Biron

Pedro Urbano

Hugo Xavier

Ramiro A. Gonçalves

Suzanne Higgott

Ana Cristina Correia de Sousa

Bernard Descheemaeker

Erika Speel

Design

R2 design

Tradução

Graça Ribeiro

Ana Anjos Mântua

Revisão

Sónia Lopes

Pós-produção de fotografia

Rui Pinheiro

Impressão e acabamento

Norprint - a casa do livro

ISBN

978-989-53204-1-7

Depósito Legal

487618/21

Coedição



MUSEU NACIONAL DE
SOARES DOS REIS

bluebook

ÍNDICE

2
AGRADECIMENTOS

3
CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

6
APRESENTAÇÃO
João Carlos Santos
António Ponte

10
INTRODUÇÃO
Ana Paula Machado Santos

14
**ESMALTES EM PORTUGAL.
MATERIALIDADE E DOCUMENTOS**
Lúcia Maria Cardoso Rosas

26
PARTE I

27
O ESMALTE "CHAMPLEVÉ"
Ana Paula Machado Santos

42
CATÁLOGO

84
PARTE II

85
O ESMALTE PINTADO
Ana Paula Machado Santos

99
**O tríptico da Paixão de Cristo do Museu
Nacional Frei Manuel do Cenáculo**
Ana Paula Machado Santos

109
**Uma série de vinte e seis placas segundo a
«Pequena Paixão» de Albrecht Dürer**
Ana Paula Machado Santos

117
**A oficina da «Pequena Paixão» de Santa Cruz
de Coimbra: contexto e características**
Suzanne Higgott

131
**Estudo laboratorial de placas em esmalte
pintado de Limoges de coleções inglesas,
portuguesas e francesas: autenticação, data
e descoberta de uma nova oficina**
Isabelle Biron

147
CATÁLOGO

266	361
PARTE III	Pintura de esmalte de Limoges – O revivalismo do século XIX: reproduções, falsos e falsificações
<hr/>	Erika Speel
267	372
A PRESENÇA DE ESMALTES NOS OBJETOS LITÚRGICOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XIV-XVI)	APÊNDICE: Seleção de nomes associados ao revivalismo e cópia de esmaltes pintados do período renascentista
Ana Cristina Sousa	Erika Speel
277	377
CATÁLOGO	CATÁLOGO
326	403
PARTE IV	Bibliografia
<hr/>	411
327	Abreviaturas
COLECIONAR ESMALTE PINTADO DE LIMOGES DO SÉCULO XVI	
Bernard Descheemaeker	
335	
A colecção Palmela	
Pedro Urbano	
342	
A coleção de esmaltes de D. Fernando II: da formação à dispersão	
Hugo Xavier	
355	
Memória da presença de esmaltes na coleção do conde Daupias	
Ramiro A. Gonçalves	

A COLEÇÃO DE ESMALTES DE D. FERNANDO II: DA FORMAÇÃO À DISPERSÃO

Hugo Xavier⁵²⁶



*No dia 15, por volta do meio-dia, o rei D. Fernando exhalava o ultimo suspiro no seu lindo quarto de dormir do palacio das Necessidades, que ele tão elegantemente mobilara com os mais belos contadores portugueses do seculo XVI marchetados de marfim e de madreperola, e de cujas paredes escuras, cobertas de esmaltes de Limoges, em tom azul persa com reflexos translucidos, se destacava em ouro antigo a grande escultura de um Cristo crucificado. Rodeavam-o os seus filhos e os seus netos, a sua mulher, o patriarca de Lisboa em habito prelaticio, e a rainha vestida de setim encarnado. Belo quadro de fim de acto para o trespassse de um artista!*⁵²⁷

Ramalho Ortigão descreve desta forma n' *As Farpas* os últimos momentos daquele que ficou conhecido pelo epíteto de «rei-artista», resultado das práticas no domínio do desenho e da gravura a água-forte, incrementadas ao estabelecer-se em Lisboa, em 1836, na sequência do seu casamento com a rainha D. Maria II (1819-1853). Pertencente ao ramo católico da família Saxe-Coburgo e Gotha, o rei consorte de Portugal nasceu em Viena, em 1816, e demonstrou desde cedo inclinação para as artes e para o colecionismo, tornando-se numa referência incontornável no nosso panorama cultural de Oitocentos.

Paralelamente às artes plásticas em que se destacou como comprador e mecenas, reunindo a maior e mais destacada coleção de obras dos artistas nacionais do seu tempo, D. Fernando dispensou interesse às artes decorativas, tanto portuguesas como estrangeiras. Privilegiou a cerâmica de diferentes épocas e centros de produção, que juntou de forma quase compulsiva, os vidros, as armas e armaduras antigas, a que consagrou salas específicas no Palácio das Necessidades, mas também o mobiliário, a ourivesaria doméstica e religiosa, os metais esmaltados, as estatuetas ou relevos em marfim, madeira e cristal de rocha, entre outros *objets d'art*, na expressão francesa. Muitos desses objetos ilustravam um gosto sofisticado a que D. Fernando aderiu e ajudou a promover entre nós, batizado pelos contemporâneos de *Haute Époque*, compreendendo uma baliza cronológica que ia *grosso modo* da Idade Média ao Barroco.

Em dezembro de 1885, ao deixar o mundo dos vivos, os seus aposentos mostravam o resultado de quase cinco décadas de apaixonada atividade colecionista, como o texto acima citado faz notar, assinalando a presença no quarto de cama de um conjunto significativo de esmaltes «de Limoges», revelador do apreço do rei por aquele tipo de peças.⁵²⁸ Tal é evidente numa relação manuscrita pelo próprio em 1866, onde, a

526
Conservador do Palácio Nacional da
Pena, PSM, L,
hugo.xavier@parquesdesintra.pt.

527
ORTIGÃO, 1926: 145.

par dos núcleos de ourivesaria e marfins da sua coleção, dedica atenção aos esmaltes, inventariados em secção autónoma, o «caderno 3» como surge designado.⁵²⁹ Conservado no Palácio Nacional da Pena e a aguardar por publicação futura, acompanhada por um estudo introdutório em curso⁵³⁰, este documento revela-se fundamental para o conhecimento da atividade do rei como colecionador, dado que este alude, em discurso direto, aos objetos reunidos, descrevendo-os sucintamente, avançando com autorias ou atribuições, propondo datações e fazendo por vezes apreciações técnicas e estéticas acerca dos mesmos. Revela ainda as proveniências, tanto no caso de aquisições por si efetuadas como de ofertas recebidas e, para não deixar dúvidas quanto à posse, escreve no final de cada comentário «prop. minha».

A leitura deste manuscrito ganha em ser cruzada com os registos fotográficos resultantes de uma campanha empreendida no Palácio das Necessidades, naquele ano de 1866, por solicitação do South Kensington Museum de Londres (atual Victoria & Albert Museum), na sequência de uma visita efetuada a Portugal por John Charles Robinson (1824-1913), *art referee* daquele museu.⁵³¹ A este especialista se deve a seleção das obras de arte da coleção do rei a serem individualmente captadas pelo fotógrafo oficial daquela instituição, Charles Thurston Thompson (1816-1868), iniciativa até então sem paralelo entre nós.⁵³² Muito embora tenha sido privilegiada a coleção de ourivesaria do rei, rica em peças quinhentistas de uso civil, conhecem-se pelo menos nove fotografias relativas ao núcleo de esmaltes, em certos casos os únicos registos visuais de peças cujo paradeiro se desconhece hoje.

D. Fernando inventariou naquele documento 18 peças em metal esmaltado, na sua maioria placas ou lâminas com temas religiosos utilizadas para suspensão parietal, duas das quais tidas como adquiridas em Lisboa, em 1836, ou seja, no ano em que o ainda príncipe (rei consorte após o nascimento do príncipe herdeiro em 1837) se fixou em Portugal, aos 20 anos, o que revela bem a sua precoce sensibilidade por este tipo de objetos (n.º 13 e 14 do inventário). Representava uma a *Adoração dos Pastores* e outra a *Adoração dos Reis Magos*, hoje integradas no acervo do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque. «Eu julgo estes raríssimos esmaltes de belíssimo desenho, antes, obra alemã», referia o colecionador em detrimento de uma hipotética origem francesa, sendo atualmente considerados trabalho italiano. «São do principio de 1500 e de grande merecimento mas algum tanto damnificados», estando então expostos «na mesma moldura de tartaruga com ornatos de prata (obra dos fins

528

Os esmaltes reunidos por D. Fernando II foram já objeto de um estudo preliminar no âmbito de uma investigação académica mais abrangente sobre este tipo de peças em território nacional, SANTOS, 2018: 304-313. A esta investigadora agradeço a colaboração prestada no presente artigo.

529

Arquivo do PNP – Inventário manuscrito por D. Fernando II das suas coleções de ourivesaria, marfins e esmaltes, 1866, CE29 [cota provisória].

530

No âmbito da iniciativa editorial da PSML «Coleções em Foco», com o título: «Propriedade Minha»: *ourivesaria, marfins e esmaltes das coleções de D. Fernando II*.

531

XAVIER, 2018: 229.

532

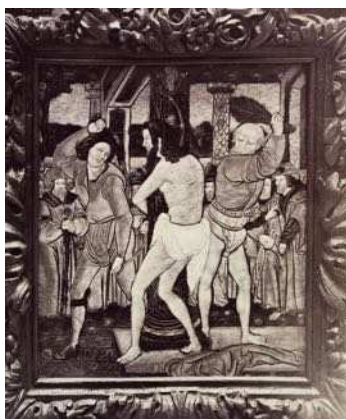
FONTANELLA, 1996: [s. p.].



II. 47. Charles Thompson, Adoração dos Pastores; Adoração dos Reis Magos, prova de albumina, 1866. Coleção particular



II. 48. Charles Thompson, Deposição de Cristo no túmulo, prova de albumina, 1866. Coleção particular



II. 49. Charles Thompson, A Flagelação, prova de albumina, 1866. Coleção particular

533
BA – Carta dirigida por D. Fernando II a D. Luís I, 7/05/1863 [Manuscrito], 54-X-32 (232).

534
A este respeito veja-se nota 563.

535
LOPES, 2013: 294.

de 1600) e separados, por um filete de prata», como dá a ver a fotografia de Charles Thompson (il. 47). Só após terem saído da coleção foram colocados na moldura atual, formando um díptico.

Particularmente encarecida era uma *Deposição de Cristo no Túmulo*, «obra prima, raríssima e muito preciosa dos fins de 1400» (il. 48), referindo ser «d'aquellas que bem raras vezes se encontram» (n.º 15). Provinha de Sevilha e fora oferta do duque de Montpensier (1824-1890), cunhado da rainha Isabel II de Espanha e proprietário do Palácio de San Telmo, naquela cidade da Andaluzia, que D. Fernando conheceu em 1856 e revisitara em 1863. Por ocasião dessa segunda visita, relata em carta ao filho, D. Luís, com quem partilhava o interesse pelas belas-artes e pelo colecionismo, que «S. Telmo é de facto lindo e eu não compreendo como o Montpensier pode preferir ser convidado da rainha de Espanha», numa alusão às funções do duque na Corte. «Fiquei satisfeito em rever os belos Murillos na catedral e nos museus, embora visitássemos hoje o museu com uma luz péssima, depois de uma forte trovoadas, durante a qual eu me encontrava num *bric-à-brac*.» Em *post scriptum* acrescenta: «No *bric-à-brac* comprei dois belos Limoges em esmalte.»⁵³³ São descritos no inventário com os números 17 e 18, representando um o *Salvator Mundi* e o outro a *Mater Dei*, a claro-escuro, ambos assinados «I. L.», provavelmente Jacques II Laudin, mestre ativo no final do século XVII e oriundo de uma destacada família de esmaltadores. A datação tardia ilustra o declínio daquele tipo de produção e, seguramente por isso, são considerados pelo colecionador de qualidade inferior quando comparados com outros exemplares inventariados. Conservam-se hoje numa coleção particular.⁵³⁴

A estadia em Sevilha constituiu a primeira etapa de uma grande viagem empreendida pela Europa entre maio e outubro de 1863, em que D. Fernando, viúvo há já dez anos, se fez acompanhar por uma pequena comitiva de que fazia parte a ex-cantora lírica Elise Hensler (1836-1929), com quem mais tarde irá contrair segundo matrimónio.⁵³⁵ Após ter passado por outras cidades espanholas, chegou ainda em maio a Paris, que não visitava desde 1836 e onde permaneceu até meados de junho, tendo efetuado diversas aquisições no fervilhante mercado de arte e antiguidades daquela capital. Parte significativa dos esmaltes inventariados no documento que tenho vindo a citar deu naquele momento entrada na sua coleção, como uma placa pertencente hoje ao Victoria & Albert Museum (il. 49), considerada «da melhor época e rica execução, pintura realçada de ouro e com esmaltes transparentes imitando pedras

preciosas, representado a flagelação de N. S. [Nosso Senhor] estilo do principio de 1500 ou fins de 1400. Assignado Johan P. E. Nicault», isto é, Jean I Pénicaud (c. 1480 – depois de 1541), membro de uma importante dinastia francesa de esmaltadores. Refere ainda que aquela «preciosa e bella peça fez parte da collecção Norzy», e foi adquirida «em Paris a Mr. A. Beurdeley por 3500 francos» (n.º 5). Tratava-se de Louis-Auguste-Alfred Beurdeley (1808-1882), pertencente à segunda geração de uma família de negociantes de antiguidades cuja atividade se estendeu à produção de mobiliário de luxo, com estabelecimento no Pavillon de Hanovre, no Boulevard des Italiens, frequentado por uma clientela elegante e com poder de compra, como era o caso dos Rothschild.⁵³⁶ A placa em apreço pertencera anteriormente, como refere D. Fernando, a Benjamin-Eugène Norzy (1822-1879), tendo sido possível identificar a compra pelo reputado negociante no leilão de 1860 que dispersou parte daquela coleção.⁵³⁷

Também adquirida a Beurdeley, por um valor ligeiramente inferior, 3000 francos, era uma placa «de esmalte de Limoges em côres da escola dos Pénicaud, representando a ressurreição de Lazaro (1500)», peça considerada notável que «fez parte da collecção Soltikoff tendo lá o numero 269, e antes na collecção Debruge o numero 694» (n.º 6), estando hoje conservada no Metropolitan Museum of Art (il. 50). D. Fernando alude a duas coleções marcantes cuja venda alimentou o mercado de arte de meados do século XIX, a do francês Louis Fidel Debruge-Duménil (1788-1838), catalogada em 1847 pelo historiador Jules Labarte e leiloadada anos depois em Paris⁵³⁸, o mesmo sucedendo em 1861 com a do príncipe russo Pierre Soltykoff (1804-1889)⁵³⁹. O apreço do rei por esta placa e pela anterior estava patente nas elaboradas molduras em carvalho entalhado com que as fez dotar, adquiridas em Lisboa a Martin Blumberg, «Dourador da Casa Real» e «Antiquário de S. M. El-Rei D. Fernando», como se identificava no cabeçalho das suas faturas.⁵⁴⁰ Mau grado a ligeira diferença nas dimensões, faziam *pendant*, sendo uma antiga e outra propositadamente reproduzida à sua semelhança, tendo sido colocadas nas paredes do gabinete de trabalho do colecionador, junto de outros esmaltes da coleção mencionados neste artigo, como atestam algumas fotografias (il. 51).

De acordo com o inventário, Beurdeley vendeu naquela ocasião duas outras peças, desta vez com temas mitológicos: por 2000 francos, uma taça em claro-escuro (*grisaille*) representando o Rapto de Helena, «Boa e verdadeira peça com o nome de Courtois e de excelente



Il. 50. Jean I Pénicaud (atrib.), *Ressurreição de Lázaro*, França, Limoges, 1ª metade do século XVI, Metropolitan Museum of Art, 41.100.204



Il. 51. J. A. Madeira, Gabinete de trabalho de D. Fernando II no Palácio das Necessidades, prova de albumina, c. 1886-1892. Palácio Nacional da Pena, inv. PNP3619. © PSML

536

MESTDAGH, 2011: [s. p.]. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01963087/document> [consulta efetuada a 26/12/2019].

537

Lote 53 do *Catalogue d'objets d'art et de curiosité* [...], 1860: 12. O exemplar em suporte digital consultado deste catálogo pertenceu a «Mr. Beurdeley» conforme indicado na folha de rosto, estando profusamente anotado. Sabe-se assim ter custado então aquela peça 2610 francos. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63993378/f12.image.textelimage> [consulta efetuada a 26/12/2019].

538

Lote 694 do *Catalogue des objets d'art qui composent la collection Debruge-Duménil* [...], 1849: 78.

539

Lote 269 do *Catalogue des objets d'art e de haute curiosité composant la célèbre collection du prince Soltykoff* [...], 1861: 79.

540

XAVIER, 2018: 291



II. 52. Charles Thompson, *Júpiter recebendo Psyche no Olimpo*, prova de albumina, 1866. Coleção particular



II. 53. Charles Thompson, Prato com a representação de Laocöonte, prova de albumina, 1866. Coleção particular

conservação» (n.º 1), numa referência a Pierre Courteys, ativo em Limoges na segunda metade do século XVI; por 800 francos uma «Pequena lâmina de esmalte de Limoges, de Pénicaud, pintura branca sobre fundo escuro representando o Olympo (1500)» (il. 52), que possuía «singela moldura de madeira escura» (n.º 7) e que integrara anteriormente a notável coleção do banqueiro Louis Fould (1794-1858), leiloadada em 1860⁵⁴¹. Estas informações em relação à proveniência das peças foram fornecidas pelo próprio negociante na sua fatura, datada de 11 de junho de 1863 e conservada no Arquivo Histórico da Casa de Bragança⁵⁴², através da qual se verifica ter vendido ao rei outro tipo de objetos, entre faianças italianas⁵⁴³ e vidros antigos⁵⁴⁴, num total de 26 270 francos.

A outro *marchand* comprou D. Fernando um «Prato grande de esmalte de Limoges em cobre (1500)», com a representação sobre fundo azul de «Laocöonte atormentado pelas serpentes» (il. 53), estando decorado no verso com «ornatos no estilo renaissance e no meio um retrato de mulher» (n.º 4). Era, no entender do colecionador, uma «Peça bonita mas não de fina execução» cuja autoria ignorava, tendo sido adquirida «por 2500 francos a Mr. Mannheim», correspondente ao negociante de origem germânica Sigismund Mannheim (1798-1880) ou ao seu filho e continuador Charles Mannheim (1833-1910). O primeiro estabeleceu-se na Rue de la Paix, após ter passado pelo Palais Royal, e cedo colaborou como *expert* com o mercado leiloeiro na classificação de peças, o mesmo sucedendo com o segundo, estando o nome de ambos presente em dezenas e dezenas de catálogos de leilões daquele período.⁵⁴⁵

Ainda em Paris comprou D. Fernando, a negociante não especificado, o que designa de «Quadro composto por duas lâminas de antigo esmalte de Limoges, representando o calvário», considerado de «desenho pouco correcto, porem uma peça bastante curiosa e estimável» (n.º 16). No intuito de o valorizar, colocou-o «dentro de uma espécie de altar de madeira escura, obra dos fins de 1500 com ornatos de metal dourado, marfim e algumas lâminas de vidro de Veneza com cores», trabalho de origem italiana, muito apreciado pelo colecionador, que o adquiriu em Lisboa ao já referido Martin Blumberg (identifica-se na il. 51, à esquerda, entre uma salva em prata e um tríptico em madeira).

A coleção de esmaltes não se formou apenas com compras, estando documentadas no inventário algumas doações, entre as quais «Dous castiças com base quadrada, de esmalte pintado de Limoges, que se diz serem da epocha de Henrique III, rei de França» (n.º 9 e 10).

541

Lote 2035 do *Catalogue de la précieuse collection d'objets d'art d'antiquités et de tableaux de feu M. Louis Fould* [...], 1860: 172.

542

MBCB, AHCB – Secretaria de D. Fernando II, documentos de despesa, fatura datada de 11/06/1863, NNG 3583/2.

543

MONGE, 2006: 129-136.

544

MARTINHO e RODRIGUES, 2015: 76-93.

545

A este respeito veja-se: https://data.bnf.fr/fr/16253221/sigismund_mannheim/ e https://data.bnf.fr/fr/15436749/charles_mannheim/ [consulta efetuada a 26/12/2019].

«Julgo ser obra moderna», considerava antes D. Fernando, a quem haviam sido «dados por Mr. de Rosenberg em Paris», figura com quem se terá cruzado na sua viagem e decerto conhecedor dos interesses do rei. A grande procura e conseqüente valorização que este tipo de peças teve no decorrer do século XIX levaram ao aparecimento de cópias e falsificações, como seriam também outros dois castiçais, «mais pequenos com base octogona, de esmalte pintado de Limoges, trabalho muito semelhante ao dos precedentes» (n.º 11 e 12). Foram oferta do filho, D. Luís, e provinham de uma coleção alemã, tendo sido talvez adquiridos a Moritz Meyer (1806-1883), negociante de Dresden que, em 1862, vendera ao mesmo D. Luís um cofre-relicário esmaltado hoje conservado no Paço Ducal de Vila Viçosa (**Cat. n.º 176**)⁵⁴⁶ e cuja autenticidade tem sido posta em causa⁵⁴⁷. Sobre este negociante que fornecera tanto o pai como o filho, escreveu D. Fernando no inventário, a propósito de duas peças em marfim: «El-rei D. Luiz tem sido e é grande victima d'elle» (n.º 26 e 27 do 2.º caderno).

Oferta da sua companheira, Elise Hensler, era uma «Taça (coupe) com pé alto de esmalte em cobre», tratando-se de uma «Imitação moderna de esmalte de Limoges feita em Paris» cuja pintura, a claro-escuro, representava uma batalha e tinha «muito merecimento e algum valor apesar de ser imitação» (n.º 3). De genuína antiguidade era um saleiro «em parte esmalte translúcido (translucide) e de João de Limoges, cujo monograma nelle se acha» (n.º 2), o que corresponde a Jean ou Joseph Limousin, esmaltador com atividade documentada na primeira metade do século XVII. Esta «Belissima e admiravel peça de perfeita conservação» fora «dadiva da minha boa tia a Senhora Infanta D. Isabel Maria», ou seja, Isabel Maria de Bragança (1801-1876) que, em 1869, patrocinará o casamento de D. Fernando com Elise Hensler, então agraciada com o título de condessa d'Edla.

Entre as ofertas figurava ainda uma «Pequena lâmina redonda de esmalte de cores de Limoges, pintada de ambos os lados representando de um lado o retrato (segundo dizem) de uma princesa de Saboya em trajes que parecem de religiosa, e do outro Sta Margarida» (il. 54). Em 1967 foi descrita por Philippe Verdier na coleção Kofler-Truniger de Lucerna, Suíça, conhecendo-se outros retratos aproximados cuja identidade tem sido objeto de discussão⁵⁴⁸, genericamente atribuídos a Léonard Limousin (c. 1505-1575/77), nome maior de uma conhecida família de esmaltadores de que fazia parte o autor do saleiro atrás referenciado. Mandado emoldurar pelo rei com uma vistosa moldura em



Il. 54. Léonard Limousin (atrib.), *Retrato de senhora* (frente); *Santa Margarida* (verso), Limoges, c. 1530-1540. Coleção particular © Sotheby's

546

MBCB, inv. 689. A aquisição está documentada numa carta dirigida por Moritz Mayer a D. Luís, a 23/02/1864. BA, 54-X-32, n.º 166.

547

Informação fornecida por Ana Paula Machado Santos em *mail* datado de 17/12/2019.

548

SANTOS, 2018: 313-315.



Il. 55. Porta-Paz, prata dourada, esmaltes, rubis e pérolas, Itália, Lombardia (provavelmente Milão), final do século XV, início do XVI com acrescentos posteriores, Metropolitan Museum of Art, 17.190.859

madeira entalhada, fornecida como habitualmente por Martin Blumberg, este esmalte deu entrada na coleção de forma inusitada, tendo sido «achado em Lisboa pelo cocheiro da pessoa José Angelo que d'elle me fez presente» (n.º 8).

Excluída deste inventário ficou uma placa esmaltada que à data (1866) integrava já a coleção, tendo sido adquirida em Lisboa, em julho de 1851, à casa Pinto & Souza, de que era coproprietário Raimundo José Pinto (1807-1859), ourives da Casa Real e um dos principais fornecedores do rei em matéria de antiguidades.⁵⁴⁹ Custou 96\$000 réis, a que acrescentaram 16\$800 pelo seu restauro⁵⁵⁰, e figurou no mesmo ano na *Exposição Philantropica*, grande mostra de obras de arte e curiosidades organizada na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, com as receitas das entradas a reverterem para os asilos infantis da capital. Identifica-se no respetivo catálogo a par de outro tipo de objetos cedidos pelo colecionador, com o n.º 209: «Quadro esmaltado que representa a entrada de Christo em Jerusalem – desenho de Rapahel de Colla, com moldura de ébano com ornatos de prata lavrada (Pertence a Sua Magestade El-Rei)»⁵⁵¹. Aquando da morte de D. Fernando, esta peça estava nos seus aposentos do Palácio das Necessidades, pelo que a não inclusão no inventário se poderá atribuir a um lapso do próprio.⁵⁵²

Igualmente excluídos do manuscrito, decerto por opção do colecionador, ficaram alguns objetos integráveis no domínio da ourivesaria, valorizados com placas e outros elementos esmaltados, podendo assinalar-se aqui dois que mereceram a atenção do South Kensington Museum para a campanha fotográfica ocorrida em 1866. O primeiro corresponde a um porta-paz em prata dourada e esmaltada, enriquecida com alguns rubis e pérolas, mostrando a representação da Crucificação (frente), da Natividade (verso) e, no interior, de S. Jerónimo e S. Sebastião (il. 55). Trabalho italiano, provavelmente milanês, da transição do século XV para o XVI, com adições posteriores, conserva-se no Metropolitan Museum of Art, após ter passado pela célebre coleção de J. Pierpont Morgan (1837-1913). Corresponde o segundo a uma cruz de assento em prata dourada decorada com lápis-lazúlis, pérolas, diamantes e corralinas, em cuja base se desenrolam dez cenas da vida de Cristo esmaltadas (il. 56). Produzida provavelmente em França, na primeira metade do século XIX, esta peça ao gosto neomedieval está documentada nos aposentos da rainha D. Maria II, a quem pertenceu, tendo integrado o núcleo de

549

Encontra-se em curso um estudo sobre este negociante e a relação estabelecida com D. Fernando II, a ser publicado com a transcrição do inventário de 1866 no âmbito da iniciativa editorial da PSML «Coleções em Foco».

550

MBCB, AHCB – Secretaria de D. Fernando II, documentos de despesa, fatura data-da de 23/07/1851, NNG 3316.

551

[CASTRO], 1851: 19.

552

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 2, n.º 590, fl. 357v.

objetos escolhidos pelo marido após a sua morte.⁵⁵³ Encontra-se hoje no Palácio Nacional de Mafra.

Se o inventário elaborado pelo rei em 1866 dá a conhecer, com algumas exceções acabadas de referir, o essencial da coleção até então formada, importa assinalar que esta continuou a crescer após essa data, passando a integrar outras peças de relevo, como um tríptico apresentado em 1882 na *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola*. Organizada no Palácio-Alvor Pombal, na Rua das Janelas Verdes, esta iniciativa surgiu na sequência de uma outra ocorrida um ano antes em Londres, e contou com empréstimos de diversas coleções públicas e privadas nacionais. Presidente da comissão diretora dos trabalhos, D. Fernando pôde dispor a título excepcional de uma sala para apresentar parte selecionada das suas coleções, no que foi, a três anos da sua morte, o coroar de uma intensa atividade enquanto colecionador. Ali foram expostos 210 objetos de diversas categorias vindos do Palácio das Necessidades, alguns dos quais tidos como pertencentes à condessa d'Edla, que por aquisições próprias e ofertas do marido reuniu também um apreciável conjunto.

De acordo com o catálogo então editado, e no que diz respeito aos esmaltes, apenas quatro peças foram cedidas⁵⁵⁴, três das quais já nossas conhecidas: a placa da *Flagelação de Cristo*, o retrato de senhora, então identificado como a princesa Margarida de Saboia, e o saleiro oferecido pela infanta Isabel Maria⁵⁵⁵. A estas acrescia um tríptico formado por 12 placas com cenas da Paixão de Cristo (il. 57), qualificado conjunto executado em Limoges no primeiro quartel do século XVI a partir de uma série de gravuras de Martin Schongauer (1448-1491). Não foi possível até ao momento apurar a data concreta e de que forma deu entrada na coleção, não sendo despendendo considerar uma aquisição no estrangeiro, eventualmente por ocasião da segunda grande viagem empreendida por D. Fernando II e pela condessa d'Edla, em 1872. Integrou o núcleo restrito de peças reproduzidas por Carlos Relvas no *Album de Phototypias* da exposição⁵⁵⁶, encontrando-se atualmente exposto no Museu do Petit Palais, em Paris, após ter circulado por outras importantes coleções europeias e norte-americanas⁵⁵⁷.

O impacto causado por aquele certame motivou a passagem por Lisboa de personalidades como o francês Charles Yriarte (1832-1898), escritor e desenhador de origem espanhola que era então inspetor das Belas-Artes e colaborador da melhor imprensa parisiense. Na *Gazette*



Il. 56. Cruz de assento, prata, esmaltes, lápis-lazúli, diamantes, pérolas, coralinas, França (?), século XIX (1ª metade), Palácio Nacional de Mafra, inv. PNM7410 © DGPC/Luís Piorro



Il. 57. Mestre «aux grands fronts» (ateliê), Tríptico com 12 cenas da Paixão de Cristo, França, Limoges, c. 1500-1530. Museu do Petit Palais, ODU1828

553
FRANCO, 2020 [no prelo].

554
EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA [...], 1882: 242 (n.º 17), 243 (n.º 33), 244 (n.º 37), 254 (n.º 192).

555
Ernesto Silva, secretário pessoal de D. Fernando II, deixou-nos a seguinte descrição do saleiro, que poderá ajudar à sua futura identificação: «Tinha na parte superior a figura de homem com coroa de louro e na inferior um busto de mulher; nas seis faces, figuras de mulher em acção de tocar cada uma o seu instrumento.» SANTOS, 2018: 309-310.

556
RELVAS, 1882: [n.º 12].

557
SANTOS, 2018: 310.

des Beaux-Arts escreverá três artigos analíticos sobre o que observou, mostrando-se atento aos esmaltes, com referências elogiosas ao tríptico que pertencera a frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), proveniente da Biblioteca Pública de Évora, assim como às coleções dos duques de Palmela e do conde de Daupias (1818-1900). Portugal era então no seu entender «*relativement riche en émaux*», sendo que «*le roi don Fernand possède les plus importants*», considerados «*pour la plupart de l'époque primitive*». ⁵⁵⁸ Este juízo terá sido formado, não apenas com base nos exemplares expostos pelo rei, mas nos que eventualmente terá contemplado no Palácio das Necessidades, onde permanecia o grosso da coleção. ⁵⁵⁹

Datado de 13 de janeiro de 1885, menos de um ano antes da sua morte, o testamento de D. Fernando levou à pulverização deste agrupamento, assim como das restantes coleções. Favorecida foi a condessa d'Edla, a quem o marido deixou tudo o que podia subtrair à legítima, isto é, a herança imposta por lei aos seus descendentes diretos, incluindo o Palácio da Pena, dando azo a um escândalo nacional que fez correr rios de tinta na imprensa da época. ⁵⁶⁰ Os herdeiros legitimários do testador eram os filhos que teve com D. Maria II: o rei D. Luís (falecido em 1889 no decorrer do longo processo da herança e a quem sucederam os seus filhos, D. Carlos e D. Afonso), o infante D. Augusto (falecido solteiro também em 1889, sendo a sua quota-parte distribuída pelos restantes), a infanta D. Antónia, residente em Sigmaringen, e os seis filhos da infanta D. Maria Ana (falecida um ano antes do pai, em Dresden), constituindo estes uma só cabeça.

A existência de herdeiros órfãos impunha de acordo com a lei a realização de um «inventário orfanológico», organizado em diversos volumes dada a grande expressão dos bens móveis e imóveis inventariados, estando conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. ⁵⁶¹ Incontornável para o estudo das coleções reunidas não só no Palácio das Necessidades, mas também no da Pena, em Sintra, este magno documento associa a descrição sumária das peças à avaliação das mesmas, para efeito das partilhas a efetuar, distinguindo tudo o que foi incorporado antes e depois de 9 de junho de 1869, dia do casamento do rei com Elise Hensler. Permite perceber também a distribuição dos milhares de objetos inventariados pelos diferentes espaços, podendo ser cruzado com uma campanha fotográfica encomendada a J. A. Madeira para fixar os aposentos de D. Fernando nas Necessidades antes da sua desmontagem. No que aos esmaltes diz respeito, estes estavam divididos entre o

558

YRIARTE, 1882: 30

559

D. Fernando terá chegado a conhecer pessoalmente Charles Yriarte, dele possuindo uma curiosa fotografia *carte de visite* de Disdéri. Está integrada num álbum hoje conservado no Palácio Nacional da Pena, inv. PNP3337/86.

560

LOPES, 2013: 375-385 e RAMALHO, 2013: 90-104.

561

ANTT - *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, PT/ADLSB/JUD/TCLSB/B-X/001/00001. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5789587>.

gabinete de trabalho do rei, o seu quarto de dormir e uma vitrina localizada na biblioteca, num total de 25 lotes inventariados, desdobrando-se em mais de 40 unidades.

Dada a complexidade do processo da herança, só em 1892 seriam efetuadas as primeiras partilhas, como o inventário orfanológico dá também a conhecer, elencando os lotes licitados e arrematados por cada herdeiro. A condessa d'Edla ficou com cinco esmaltes, entre os quais a placa com a *Flagelação de Cristo* conservada no Victoria & Albert Museum, o retrato de senhora de configuração circular que tinha no verso uma representação de Santa Margarida, e o saleiro oferecido ao marido pela infanta Isabel Maria.⁵⁶² Estas e outras peças de relevo foram alienadas ainda em vida pela condessa, tendo sido possível apurar que à sua morte, em 1929, detinha apenas o *Salvator Mundi* e a *Mater Dei* adquiridos por D. Fernando em Sevilha, em 1863, e hoje conservados numa coleção particular portuguesa⁵⁶³.

A infanta D. Antónia (1845-1913) enviou expressamente da Alemanha dois representantes, entre os quais o segundo conservador das coleções de arte dos Hohenzollern-Sigmaringen, para a coadjuvarem no processo de escolha dos bens⁵⁶⁴, tendo selecionado seis lotes relativos a esmaltes, com destaque para o tríptico da Paixão de Cristo apresentado na *Exposição de Arte Ornamental*, avaliado pelos inventariantes na quantia de 2000\$000 réis. Na sua seleção estava também a placa com a *Ressurreição de Lázaro*, as duas com a *Adoração dos Pastores e dos Reis Magos*, assim como o porta-paz com as representações da *Crucificação* (frente) e da *Natividade* (verso), peças pertencentes ao Metropolitan Museum of Art.⁵⁶⁵ Refira-se que algumas foram vendidas em vida da infanta, a última dos filhos de D. Fernando a falecer, estando documentadas em finais do século XIX noutras coleções europeias.⁵⁶⁶

Tendo sucedido no trono a D. Luís, o rei D. Carlos (1863-1908) escolheu significativamente poucos esmaltes, sobressaindo uma cruz processional «com a figura de Christo e diferentes partes esmaltadas»⁵⁶⁷, correspondente talvez a uma que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga⁵⁶⁸. Deu preferência a outros núcleos das coleções do avô que importava acautelar, como um relevante conjunto de pratas portuguesas quinhentistas conservadas no Palácio Nacional da Ajuda, assim como uma alargada seleção de cerâmicas atualmente disseminadas por museus e palácios nacionais, com destaque para as majólicas italianas do Paço

562

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 8, n.º 586, 894 e 1257, fl. 4590.

563

Coleção de uma descendente do marquês de Jácome Correia, por quem foram adquiridos no leilão de 1929. Arquivo do PNP – *Inventário do mobiliário, adornos, livreria etc, parte da existência da casa da falecida Exma. Sra. Condessa d'Edla, 179 Rua de Santa Martha em Lisboa [...] ali vendidos em leilões [...], 1929, CE45 [cota provisória]*.

564

ANTT – Carta dirigida por D. Antónia a D. Carlos, Sigmaringen, 10/01/1891 [manuscrito], CR, cx. 7355.

565

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 8, n.º 589, 762 e 204, fl. 4594v e 4495.

566

A título de exemplo, o tríptico do Museu do Petit Palais regista-se, em 1898, na venda da coleção Heinrich Wencke de Hamburgo. SANTOS, 2016: 390.

567

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 8, n.º 765, fl. 4598v.

568

MNAA, inv. 396 Met. D. Carlos escolheu ainda uma placa com a representação de uma «Madona de esmaltes de Limoges». ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 8, n.º 1289, fl. 4598v. Corresponderá a uma que se conserva no mesmo museu, tendo sido transferida em 1957 do Palácio das Necessidades. SANTOS, 2018: 312.



Il. 58. J. A. Madeira, Quarto de dormir do rei D. Fernando II no Palácio das Necessidades, prova de albumina, c. 1886-1892. Palácio Nacional da Pena, inv. PNP3642. © PSMML

Ducal de Vila Viçosa e do Museu Nacional de Arte Antiga. O volume de bens selecionados foi tal que o obrigou a dar tornas a outros herdeiros.

O infante D. Afonso (1865-1920), irmão de D. Carlos, ficou com o lote 157 que compreendia «Quatro quadros de Limoges com molduras em pau santo e guarnições de prata», representando «diferentes passos da vida de Cristo», avaliados em 720\$000 réis.⁵⁶⁹ Integravam um conjunto de 12 esmaltes com cenas da Paixão de Cristo, todos emoldurados de forma condizente mas divididos no inventário em três lotes distintos (156, 157 e 158), com quatro placas cada, num total de 2160\$000 réis. A escolha de um só lote pelo infante causou lamentavelmente a divisão desse conjunto que terá dado entrada na coleção entre 1866 e 1869, e que se identifica nas fotografias mais antigas do gabinete de trabalho de D. Fernando, passando depois ao seu quarto de dormir, local onde se encontrava quando morreu (il. 58). Não deve ser confundido com o tríptico do Museu do Petit Palais atrás referido, colocado no mesmo compartimento e também constituído por 12 placas com passos da Paixão de Cristo. É precisamente a estes dois conjuntos que Ramalho Ortigão alude ao descrever as paredes escuras do quarto, «cobertas de esmaltes de Limoges, em tom azul persa com reflexos translúcidos», na citação escolhida para a abrir este texto.⁵⁷⁰

Das quatro placas emolduradas, D. Afonso (1865-1920) dispensou duas à mãe, a rainha D. Maria Pia (1847-1911)⁵⁷¹, tendo sido arroladas após a implantação da República no Palácio da Ajuda, a cujo acervo ficaram a pertencer (**Cat. n.º 37 e Cat. n.º 38**)⁵⁷². Executadas entre 1530 e 1550, representam a *Oração no Horto* e *Cristo perante Caifás*, com base nas gravuras da *Pequena Paixão* (1511) de Albrecht Dürer (1471-1528)⁵⁷³, datando as molduras com elementos em prata do século XVIII. As outras duas placas terão ficado na posse do infante e foram aparentemente herdadas por Nevada Stoodly Hayes (1876-1941) que, em 1925, levou daquele palácio para os Estados Unidos diversos bens do marido⁵⁷⁴, entre os quais algumas preciosidades provenientes das coleções de D. Fernando II. As restantes oito foram vendidas num dos grandes leilões organizados pelos executores testamentários, dado que os filhos da falecida infanta D. Maria Ana deveriam, por decisão paterna, receber a sua parte da herança em numerário, e também porque alguns dos herdeiros não conseguiam absorver o enorme volume de bens móveis a que tinham direito. Era ainda necessário arranjar liquidez para fazer face a outras despesas inerentes a todo o processo, só concluído em finais de 1897, doze anos após a morte do rei.⁵⁷⁵

569

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 8, n.º 157, fl. 4602.

570

ORTIGÃO, 1926: 145.

571

BA – *Objectos d'El Rei D. Fernando*, 8.6.1. (7).

572

Estavam arrecadadas na Sala Grande, junto à Sala da Ceia. APNA, *Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda*, vol. 7, fls. 2290v.-2291.

573

SANTOS, 2018: 262-264.

574

MÂNTUA, 2014: 92-97.

575

LOPES, 2013: 385.

Publicado em 1892, o *Catalogo dos bens mobiliarios existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando* indica ter ficado o leilão agendado para os meses de janeiro e fevereiro do ano seguinte, em dependências deste edifício. Compreendendo cerca de 2000 peças – exclusivamente no domínio das artes decorativas e da escultura, já que a coleção de pintura e a biblioteca foram vendidas em leilões autónomos – nele encontramos o remanescente do núcleo de esmaltes da coleção, num total de dez lotes, dois dos quais correspondentes aos oito pequenos quadros com os passos da Paixão de Cristo do conjunto acima referido cujo paradeiro se desconhece.⁵⁷⁶ Entre outras peças, surge uma série constituída por «Doze esmaltes em cobre representando imperadores romanos»⁵⁷⁷ que, pelas dimensões indicadas, deverá ser a mesma legada em 1981 pelo colecionador Francisco Barros e Sá ao Museu Nacional de Arte Antiga (**Cat. n.º 82**).⁵⁷⁸ De configuração oval, estas placas foram executadas em Limoges no século XVII, em *atelier* não identificado, e terão dado entrada na coleção real em data posterior a 1869, de acordo com o inventário orfanológico que as localiza no gabinete de trabalho do rei.⁵⁷⁹

Se as partilhas dividiram irremediavelmente o núcleo de esmaltes, com a condessa d’Edla e a infanta D. Antónia a ficarem com a maioria dos mais representativos, depois também alienados, o leilão acabou por dispersar o subsistente, pondo fim a uma das melhores coleções no seu género alguma vez formadas em território nacional. Fica a memória da mesma que aqui se procurou reconstituir, do seu início a partir de 1836 até à morte de D. Fernando II em 1885, assinalando-se o paradeiro atual de alguns exemplares, na expectativa de que outros possam ser no futuro também identificados.

576

Catalogo dos bens mobiliarios existentes no real palácio das necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, 1892: 9, n.º 518-521 e 526-529.

577

Catalogo dos bens mobiliarios existentes no real palácio das necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, 1892: 25, n.º 2338.

578

SANTOS, 2018: 298.

579

ANTT – *Inventário orfanológico de D. Fernando II*, vol. 2, n.º 1273, fl. 531v. e 532.